

---

*A prova pela fala.*  
*Sobre a causalidade em psicanálise*  
Roland Gori  
São Paulo, Escuta  
1998

---

## A prova pela fala

Denise Teles Freire Campos

---

A psicanálise, segundo Roland Gori, é uma experiência de “terceiro tipo”, pois não somente devemos constatar que, assim como a física moderna, ela também inclui o observador dentro do dispositivo de mensuração, como, na sua particularidade, ela é um tipo de experiência em que o único instrumento de “mensuração” da verdade é a relação do observador com o observado. Assim também parece funcionar o estilo de escrita de Roland Gori. Ele não oferece suas teses e idéias de modo direto; ele vai traçando um caminho, quase que em “associação livre”, um caminho de reconstrução da análise “continuada para além do tempo das sessões”. A leitura do livro de Gori nos mostra que, assim como no interior do dispositivo analítico, também na escrita, leitor e escritor têm de fazer suas “provas”. Antes de tudo, a prova é *pela* fala, pois a prática do psicanalista é a palavra, e fundamentalmente, a palavra que se atualiza na fala. Não há surpresa alguma quando Gori afirma que a situação analítica é uma situação específica de interlocução.

A força de *A prova pela fala* não se restringe ao impacto de seu título, mas, sobretudo, à originalidade de suas proposições e a uma referência constante e

---

atualizada a Freud. O primeiro eixo de suas reflexões é centrado no capítulo II, onde ele situa a transferência no coração mesmo do dispositivo analítico. Nesse capítulo, ele retoma a noção de *pensamentos de transferência*. Trata-se de uma re-leitura de *A interpretação dos sonhos*, de Freud, onde um tipo específico de pensamento vai operar de forma privilegiada permitindo a transferência. Enfim, os pensamentos de transferência são a possibilidade, mesmo que distorcida, mesmo que disfarçada, de manifestação do inconsciente. É por isso que Gori diz que, antes mesmo de ser transferência sobre o objeto, é transferência dentro da palavra, no sentido de que, mesmo antes de haver o objeto destinatário da transferência, há uma predisposição, ou talvez fosse mais correto dizer, uma função que possibilita que uma palavra seja, ao mesmo tempo, representação pré-consciente e porta-voz do inconsciente, função que produz os “pensamentos de transferência”. O alcance desta proposição é o de elevar o modelo do sonho ao estatuto de “paradigma” das formações inconscientes.

Os capítulos I, III e VI se articulam em torno deste eixo. Explicitando o modelo paradigmático do sonho e, no primeiro capítulo, Gori nos lembra que a situação analítica enquanto tal serve de “restos diurnos”:

... a situação analítica oferece ao paciente os restos diurnos que o inconsciente precisa, pela “necessidade de transferência”, para fazer retorno, quer dizer, para se revelar. O analista encarna de algum modo o ponto onde o pré-consciente cruza, através do jogo dos “pensamentos de transferência” e da idéia de transferência, com o inconsciente. O analista encarna esta presença e atualidade do inconsciente sem as quais não haveria análise. (p. 54)

Na situação particular que é a análise, a dinâmica transferência-contratransferência, é o que vai marcar a especificidade da interlocução, das trocas subjetivas entre analisando e analista. Para Gori, a transferência é a “unidade epistemológica da prática e da teoria psicanalíticas”. Tal é a importância da transferência que faz com que ambas, teoria e prática, não possam ser concebidas fora do dispositivo da psicanálise. Para ele, o dispositivo da análise é uma “escuta flutuante” na qual, pelo achatamento dos significantes, ele aceita temporariamente não dar nenhuma importância particular ao que escuta, deixando a verdade se refratar na superfície da linguagem pelo jogo das associações livres e de seu determinismo transferencial. É como se o analista “esvaziasse” a fala do paciente, esvaziasse os significantes, retirando seu significado predeterminado e se abrisse ao que ele vai chamar de “sonoridade” e a “anfibiologia das palavras”. A consequência do funcionamento deste tipo de pensamento é que o trabalho de desvendamento do inconsciente tem que passar, obrigatoriamente, pelo pré-consciente, conseqüentemente pela verbalização, pela atualização dos “pensamentos de transferência” em palavras, na fala.

Os capítulos III e IV tratam de algumas conseqüências, históricas ou atuais, do primeiro eixo de reflexões sobre a transferência, em especial, quando Gori convida o psicanalista a se preservar de duas tentações sempre “reincidentes” na prática analítica: a primeira, de não estar atento aos “pensamentos de transferência”, quer dizer, em última instância, não estar atento à transferência, e fazer sua leitura fora do dispositivo da análise; a segunda, de tentar escapar daquilo que o autor chama de “prova pela fala”, agindo sob o efeito da transferência imediata ou da transferência narcísica, buscando um acesso direto ao inconsciente. Sobretudo no capítulo IV, ele repatria o *acting out* dizendo que é preciso distinguir claramente o *acting out* de fala, quando o paciente nos conta uma “passagem ao ato” através de um segundo ato – de fala, portanto transformando-o em material analítico – e aqueles que permanecem exteriores ao dispositivo, os “verdadeiros *acting out* são aqueles dos quais jamais ouvimos falar”. Num estilo inusitado e, às vezes, provocante, Gori afirma que as revisões da teoria devem mais às paixões transferenciais e aos seus *acting out* na fala e na escrita, do que se costuma confessar.

O segundo eixo de reflexões centrado no capítulo VII, se organiza em referência a uma concepção particular de “memória”, uma memória concebida enquanto traição, pois a “recordação trai a memória nos dois sentidos do termo, manifesta e deforma-a. O esquecimento, longe de ser um avatar, um efeito secundário da lembrança, é a própria exigência estrutural”. Gori nos alerta que Freud já havia insistido sobre o caráter falacioso e tendencioso da recordação, que fala da “natureza tendenciosa das nossas recordações. justamente onde nós suspeitávamos menos delas”. A aptidão a se recordar, mesmo no processo de uma análise, é estritamente subordinada à paixão de esquecer. O recordar não é a memória. Não se trata do mesmo distrito psíquico.

Na análise temos acesso às “reminiscências”, ao “compromisso”. As reminiscências são detalhes, fragmentos ligados à representação recalçada, mas não são a lembrança exata daquilo que foi recalçado. Ora, o que vai aparecer na consciência é uma “formação inconsciente”, resultante de um compromisso entre a reminiscência (receptáculo da representação recalçada) e a representação pré-consciente. É neste sentido que, para Gori, é imperativo reconhecer que, na análise, não há necessidade de acesso; é lembrança exata do que foi recalçado, acesso à representação propriamente dita. Pois a memória, enquanto tal, é inacessível; o acesso é ao compromisso, à *reminiscência*, que atualiza o passado e o presente. Assim, utilizando-se das nuances da língua francesa, e deslizando, na língua portuguesa, entre a idéia de “reminiscência” e a de “memória”, Gori obriga o tradutor a uma frase surpreendente: “recordamos para não lembrar”.

O capítulo VI faz a passagem entre as reflexões acerca do ato analítico e aquelas referentes à concepção de memória; nele o autor nos provoca mais uma



vez, afirmando que o texto "Moisés e o monoteísmo" é a "herança" que Freud vai deixar a todos os analistas como um convite a aprender a "renunciar ao sensível, ao material e ao visível".

Finalmente, no terceiro eixo do livro, tratado nos capítulos V e IX, o autor se dispõe à complexa discussão sobre o estatuto científico da teoria freudiana: a psicanálise é ciência ou somente ética? Para Gori, ela é um saber, submisso aos requisitos de uma epistemologia, que atualiza as exigências de uma ética, o resultado destas duas tendências é a definição da psicanálise como funcionamento de uma heurística dentro de uma prática: isto quer dizer que ela é o funcionamento de uma "teoria do sujeito inconsciente", que toma corpo, que se realiza (no sentido de que se torna verdadeira, se torna realidade) dentro do processo analítico.

Gori acrescenta que a psicanálise é um caso limite de ciência, dado o caráter "inconsciente" das verdades que ela produz, mas que ela funciona como, por exemplo, a história, ela é uma heurística. Trata-se de uma "ciência limite", posto que na prática psicanalítica as verdades produzidas e o dispositivo do tratamento não podem ser separados. O dispositivo mesmo da análise não é um instrumento de "descoberta da verdade" sobre o paciente, ou, ainda, sobre a subjetividade; ele é um dispositivo de produção de uma verdade que não poderia existir fora deste mesmo dispositivo. Assim sendo, a psicanálise é uma heurística aplicada a uma situação (dispositivo) específico. No sentido goriniano, a psicanálise não é uma teoria que se aplica ao sujeito, ou sobre ele, ela é um sistema explicativo que *se cria com* o sujeito.

Pode-se pensar que o autor "escolheu" deliberadamente um estilo de escrita em que, o significado do que é lido se cria como uma "construção" que atravessa também a história e a formação (mais lícito seria dizer "as formações", inclusive aquelas inconscientes) do psicanalista que lê. Não creio. Penso apenas que seu estilo é o resultado da tentativa de posicionar sua escrita na mesma região ontológica do seu objeto de trabalho cotidiano:

Todo evento analítico se produz em referência à transferência. A comunicação psicanalítica se nutre e se sustenta daquilo que ela toma por objetos, o inconsciente e a transferência; e aos quais ela fica submissa. A teoria somente se elabora dentro da transferência, ela deriva da auto-análise, da análise continuada para além do tempo das sessões, tanto dentro da prática do tratamento quanto dentro das construções metapsicológicas, ou, ainda, dentro das crises institucionais.